

ECONOMIA URBANA E ESPAÇOS METROPOLITANOS: MARACANAÚ NO CONTEXTO DA METROPOLIZAÇÃO DE FORTALEZA-CE.¹

URBAN ECONOMY AND METROPOLITAN SPACES: MARACANAÚ IN THE CONTEXT OF THE METROPOLITIZATION OF FORTALEZA-CE.

ÉCONOMIE URBAINE ET ESPACES METROPOLITAINES: MARACANAÚ DANS LE CONTEXTE DE LA METROPOLITIZATION DE FORTALEZA - CE.

Rafael Brito Gomes²

rafaelbritogomes@hotmail.com

Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior³

edilsonapjr@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho analisa as novas dinâmicas da economia urbana em espaços metropolitanos, tendo como recorte as mudanças que ocorrem no município de Maracanaú, localizado no limite sudoeste da cidade de Fortaleza (CE). Integrado à Região Metropolitana de Fortaleza no mesmo período da instalação do I Distrito Industrial do Ceará, na década de 1970, o que resultou na criação de vários conjuntos habitacionais populares, Maracanaú consolidou-se como um polo industrial do estado, ao mesmo tempo em que se fortaleceu como uma "cidade dormitório", atendendo as demandas por trabalho barato. Nos últimos dez anos, entretanto, novas dinâmicas passam a coexistir com aquelas anteriormente materializadas, em especial o papel que a economia urbana do comércio e dos serviços desempenha na organização do espaço. Tais fenômenos expressam processos de reestruturação urbana e metropolitana, implicando em novos movimentos e numa reconfiguração das formas urbanas tradicionais. Ao procurar entender a natureza desses fenômenos, objetivamos demonstrar algumas das transformações que atingem a realidade das estruturas urbanas e metropolitanas no Ceará.

Palavras-Chave: Maracanaú. Economia urbana. Metropolização.

ABSTRACT

This work examines the new dynamics of urban economy in metropolitan spaces, from the changes that happens in Maracanaú, located in southwestern boundary of the city of Fortaleza (CE). Integrated to Metropolitan Region of Fortaleza in the same period of the installation of the I Industrial District of Ceará, in the 1970s, which resulted in the creation of several sets popular housing, Maracanaú was consolidated as an industrial hub for the state, while which was strengthened as a "dormitory town", meeting the demands of the metropolis center. In the last ten

¹ Uma versão alterada deste texto foi submetida para publicação nos Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, realizado no Rio de Janeiro em novembro de 2013.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE) e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do Laboratório de Estudos do Território e da Urbanização (LETUr) da UECE

³ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Presidente Prudente) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE). Laboratório de Estudos do Território e da Urbanização (LETUr)

years, however, new dynamics coexists with those previously materialized, particularly the role that the urban economy of trade and service plays in the organization of space. Such phenomenon express restructuring urban and metropolitan, implying new moves and a new configuration of traditional urban forms. In seeking to understand the nature of these phenomenons, we aim to demonstrate some of the transformations that affect the reality of urban and metropolitan structures in Ceará.

Keyword: Maracanaú. Urban economy. Metropolization.

RÉSUMÉ

Le présent document analyse la nouvelle dynamique d'économie urbaine des espaces métropolitains, ayant comme délimitation le changement qui se produit dans la municipalité de Maracanaú, situé sur le limite sud-ouest de la ville de Fortaleza (CE). Intégré à la Région Métropolitaine de Fortaleza au même période de l'installation du premier District Industriel du Ceará, dans les années 1970, qui s'est résulté la création de plusieurs ensembles logement populaire, Maracanaú s'est concrétisé comme un pôle industriel pour l'État, au même temps que s'est renforcé comme une «ville-dortoir», en répondant aux demandes de la capital. Vers les années 2.000, cependant, de nouvelles dynamiques coexistent avec lesquelles déjà matérialisées, surtout le rôle que l'économie urbaine du commerce et des services engendre dans l'organisation de l'espace. Tels phénomènes expriment des processus de restructure urbaine et métropolitaine, en impliquant à de nouveaux mouvements et dans une nouvelle configuration des la formes urbaines traditionnelles. En cherchant comprendre la nature de ces phénomènes, on a pour but démontrer quelques transformations qui atteint la réalité des structures urbaines et métropolitaines au Ceará.

Mots-clés: Maracanaú. Économie urbaine. Métropolization.

1. INTRODUÇÃO

As metrópoles são os maiores objetos culturais já construídos pelo homem (SANTOS, 2009). Elas “preenchem [...] uma série de funções essenciais [...] que concernem no mais alto nível, o governo dos homens, de suas atividades, de seus valores” (DI MÉO, 2008, p. 2). Para Amora (1999), a metrópole é um grande núcleo urbano “resultante da modernização com grande diversificação funcional [...] e que desempenha importante papel na organização de um espaço regional e nacional” (AMORA, 1999, p. 33).

Devido à sua importância espacial, no contexto da rede urbana em que possam estar inseridas, as metrópoles são os espaços que sofrem, com mais frequência, os processos de modernizações das suas relações políticas, econômicas, culturais e geográficas (SANTOS, 2008). Segundo Di Méo (2008), esses aglomerados urbanos se identificam pelo seu acelerado consumo de outros espaços geográficos, através do seu processo de metropolização.

Assim, os espaços metropolitanos, aqueles que sofrem diretamente a influencia da metropolização, também podem ser *locus* primeiros de relativas modernizações geográficas. São nos espaços metropolitanos que a metrópole irá impor, com mais veemência, papéis tributários, em que os movimentos de pessoas e as estruturas seguem os seus ditames.

Fortaleza se insere no contexto da rede urbana brasileira como metrópole e como principal centro urbano do território cearense, a partir da interposição de vários fatores historicamente determinados, tais como a sua ascensão econômica, empreendida pela produção do algodão para a exportação (final do século XIX); a concentração do poder burocrático regional; e o crescimento demográfico (SILVA, 2005). São fatores que garantiram a ascensão de Fortaleza como principal núcleo urbano do estado, para onde era drenada a produção e a riqueza cearense e por onde era escoada a produção agrícola e industrial.

Ao estruturar-se como metrópole, sua expansão, a partir do seu processo de metropolização, só foi concretizada a partir da década de 1980, ao se afirmar definitivamente como cidade motriz da área metropolitana e da rede urbana cearense.

Um dos resultados da expansão metropolitana de Fortaleza é a criação e a dinamização econômica do município de Maracanaú, que passou de distrito do município de Maranguape, até a década de 1980, para uma das economias mais importantes do estado. Tal processo se deu através da criação do I Distrito Industrial de Fortaleza (DIF I), idealizado em 1966 e instalado no fim da década de 1970, e da construção de grandes conjuntos habitacionais, a partir da década de 1980 (CARVALHO, 2009). Estes equipamentos tornaram-se vetores que condicionaram a metropolização de Fortaleza e impeliu Maracanaú a uma dinâmica metropolitana, com a função, ao mesmo tempo, de polo industrial e de “cidade dormitório” (MARTINS, 2001).

Nos últimos dez anos, entretanto, o município passa por consideráveis transformações no contexto urbano e metropolitano. São mudanças que resultam da dinamização e modernização da economia urbana (SILVA, 2005), sobretudo através da instalação de filiais de empresas no setor do comércio e serviços ligado ao circuito superior da economia urbana (SANTOS, 2008), e da instalação de centros de consumo mais sofisticados, como *shopping centers*.

Este artigo, nesse sentido, busca entender como os processos de reestruturação urbana reconfigura o espaço metropolitano no Ceará, destacando a análise da economia urbana do comércio e dos serviços no município de Maracanaú. Ele pode ser dividido em três partes: a primeira, que procura discutir a relação entre escala e espaços metropolitanos; a segunda, que traça um rápido histórico e um panorama da metropolização de Fortaleza; e a terceira, que estabelece uma articulação entre economia urbana, reestruturação espacial e espaços metropolitanos, tomando como referências as mudanças em destaque na cidade de Maracanaú.

O trabalho pretende tecer contribuições para os estudos sobre o espaço urbano e metropolitano no Ceará, cada vez mais dinâmicos e inseridos numa lógica que se articula com as transformações da urbanização brasileira.

2. A questão da escala no espaço metropolitano

Podemos entender a metropolização como um processo em que os atributos de uma metrópole são dispersos pelos espaços que ela influencia (LECIONI, 2006). A metrópole é um espaço urbano central, um núcleo de forte ação polarizadora que estabelece uma teia de relações intra e interurbanas. Geralmente, a metrópole tem o poder de incorporar áreas urbanas adjacentes, através da conurbação (VILLAÇA, 2001). O resultado é a formação de um único aglomerado, interligado por vias locais e regionais, capaz de possibilitar um transbordamento do tecido urbano da metrópole. Morfologicamente, entretanto, a incorporação de áreas sob a influência da metrópole também pode se dar de maneira descontínua, representando intensa relação entre centros que, mesmo distantes ou sem contiguidade edificada, formam um único tecido funcionalmente articulado (VILLAÇA, 2001).

Do processo de metropolização, formam-se “regiões metropolitanas”. Estas, segundo Silva (2005), são recortes espaciais que, institucionalmente, possuem dois ou mais municípios integrados para exercerem funções de interesses comuns, entendendo que tais aglomerados pertencem a uma única realidade urbana (SILVA, 2005). Para Amora (1999), a região metropolitana é aquela formada por mais de uma cidade em que um núcleo principal se destaca. Assim as regiões metropolitanas são, morfologicamente, constituídas por uma metrópole (o núcleo principal) e por espaços metropolitanos contínuos ou descontínuos.

Para Corrêa (2011), há três escalas para os fenômenos urbanos: a escala do espaço intraurbano (dentro da cidade), do interurbano (redes de cidades) e a escala intermediária. Esta última seria formada por aglomerações urbanas conurbadas, regiões metropolitanas, eixos urbanizados e “cidades-dispersas”.

Assim, com base em Silva (2005), Amora (1999) e Villaça (2001), podemos afirmar que os espaços metropolitanos são, como parte do contexto urbano em escala intermediária, aqueles resultantes da expansão das influências diversas da metrópole para além dos seus limites institucionais, respeitando tecidos urbanos contínuos ou descontínuos, mas que apresentam contiguidade pela configuração topológica das redes de relações entre seus núcleos (IBGE, 2007).

A metropolização, como processo espacial, possui múltiplas escalas. No espaço intraurbano, tal processo destaca dinâmicas estruturadas “pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho [...], seja enquanto consumidor [...]” (VILLAÇA, 2001, p. 20). Na escala do espaço regional, a metrópole formará sob seu comando uma região articulada por redes de transportes de pessoas, mercadorias, informação e energia, não sem destacar áreas, eixos e nós que configuram o arranjo urbano-regional. A confluência das dinâmicas espaciais nas duas escalas destacadas, quando empreendidas pela metropolização, resulta na formação dos aglomerados urbanos intermediários, que na escala da metrópole, configura-se numa região metropolitana.

Os movimentos entre as cidades que compõem o aglomerado em destaque, morfologicamente, são interurbanos, mas o conteúdo que o articula é intraurbano. Dessa forma podemos entender que o estudo de uma região metropolitana, inicia-se pelos movimentos determinados pela polarização e influência cotidiana exercida diretamente por uma metrópole. Sua estrutura urbana se dá pela dimensão morfológica (a cidade) e pelos movimentos, que são sociais, políticos, econômicos e culturais (o urbano).

3. A estruturação dos espaços metropolitanos no Ceará

Escrever sobre a realidade metropolitana do Ceará, evidentemente, é se reportar ao movimento de expansão urbana de sua capital. Fortaleza se constitui como importante núcleo da hinterlândia cearense a partir de fatores historicamente particulares, tais como: a) a sua ascensão econômica como nó de uma rede produtora e exportadora de algodão, em detrimento das atividades produtivas desenvolvidas em outras cidades do Ceará (século XIX); b) a instalação de importantes equipamentos⁴, que caracterizam seu papel de comando, e que contribuem para a formação de uma nova classe média urbana; c) o crescimento populacional causado pelo êxodo rural, este, por sua vez, provocado pelas agruras da seca e pela forte disparidade socioeconômica entre campo e cidade no Ceará (SILVA, 2005).

No contexto da metropolização de Fortaleza, que se consolida somente a partir da década de 1980, os primeiros municípios metropolitanos do Ceará são constituídos a partir de projetos de desconcentração das atividades industriais e de grandes aglomerados habitacionais. Maracanaú é *locus* desse processo, ao ser sítio do primeiro “polo industrial” do Ceará, o Distrito Industrial de Fortaleza I (DIF I), em 1966 (CARVALHO, 2009), e de seis grandes Conjuntos Habitacionais⁵, instalados a partir da década de 1980. Consolida-se um espaço metropolitano altamente dependente da cidade matriz, na condição de “cidade dormitório”, com intensos movimentos pendulares metropolitanos (MARTINS, 2001).

Para compreender metodologicamente o processo de metropolização no Ceará, consideramos dois períodos que contextualizam os espaços metropolitanos, para assim entender como se dá mesmo os processos de reestruturação. O primeiro período (1973-1990) corresponde à criação, de forma institucionalizada, da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) (AMORA, 1999), e a primeira materialização do processo de metropolização cearense, no final dos anos de 1980. O segundo período, a partir de 1990, abrange a consolidação dos fenômenos de metropolização na aglomeração urbana da capital cearense, sobretudo na segunda metade da

⁴ Os principais equipamentos foram o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) - em 1952, a Universidade Federal do Ceará (UFC) - em 1954, e o Departamento Nacional de Obras Contra a Secas (DNOCS) - em 1961, este transferido do Rio de Janeiro para Fortaleza (SILVA, 2005, p. 102).

⁵ Os conjuntos habitacionais são: Conjunto Industrial (1979); Timbó (1979); Acaracuzinho (1983); Novo Oriente (1983); Jereissati I e II (1987); e Novo Maracanaú (1985).

década de 1990, com a expansão das atividades produtivas e da oferta de produtos e serviços para espaços fora da metrópole.

3. 1. Primeiro período da metropolização: planejamento das funções metropolitanas.

A Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), inserida no contexto da política nacional de desenvolvimento urbano, capitaneada pela Ditadura Militar no Brasil (SOUZA, 2006), surgiu como “uma entidade administrativa” em 1973, sendo composta por cinco municípios⁶ (AMORA, 1999; PEQUENO, 2009).

Na escala do Ceará, podemos dizer que o Estado é um dos principais agentes do processo de metropolização, pois suas ações no espaço, seguido das forças centrífugas de expansão territorial da mancha urbana, empreendem novas organizações e territorialidades à metrópole. Entender o papel do Estado no arranjo de uma configuração metropolitana, no entanto, permite também compreender o nível e a natureza da atuação de outros agentes sociais.

As ações do Estado se deram, entre outras, através da criação de leis que potencializaram as dinâmicas espaciais concernentes aos processos de metropolização, especialmente por meio de políticas de planejamento. Foi uma ação empreendida no sentido de oferecer suporte técnico a algumas atividades que necessitavam ser desconcentradas da capital. Como resultado, ocorreu a instalação de infraestrutura para formar novas “zonas” industriais subvencionadas (como foi o caso do DIF I, em 1966), assim como, a construção de conjuntos habitacionais para a classe trabalhadora.

É importante salientar que a construção desses conjuntos estava associada à crescente favelização na capital, frequentemente um produto do êxodo rural em expansão, e da valorização de solo urbano no entorno de antigas zonas industriais de Fortaleza (MARTINS, 2001). Tais políticas de desconcentração da habitação é parte também das transformações ocasionadas pela estruturação do III polo industrial do Nordeste, que consolidou o Distrito Industrial de Fortaleza I (DIF I). Assim, ao construir as habitações populares, o Estado amenizava esses dois problemas e removia para as proximidades do DIF I, em Maracanaú, farta mão de obra para o trabalho nas fábricas.

Na verdade esse objetivo não foi concretizado, pois a mão de obra nesses conjuntos habitacionais não era qualificada para o trabalho na linha de produção das fábricas do DIF I (MARTINS, 2001). Desse modo, os conjuntos habitacionais acabaram servindo de moradia para um contingente de pessoas mal remuneradas e de baixa qualificação profissional, com poucas

⁶ Os municípios são Caucaia, Aquiraz, Pacatuba, Maranguape e Fortaleza. Posteriormente, com a emancipação de alguns distritos (Eusébio, Guaiúba e Maracanaú) o número de municípios subiu para oito (PEQUENO, 2009).

condições de consumir e habitar na própria metrópole, o que deu aos novos aglomerados habitacionais de Maracanaú um caráter explicitamente periférico.

Assim, consolidam-se movimentos pendulares entre os conjuntos habitacionais e o centro da metrópole, que foram possibilitados pelas 11 linhas de ônibus metropolitanos e pelos trens suburbanos (MARACANAÚ, 1998). Tais movimentos são realizados principalmente em função da dissociação cada vez maior no espaço metropolitano entre local de moradia e local de trabalho e/ou estudo (PEQUENO, 2009). Desse modo, Maracanaú, assim como Caucaia, também um dos primeiros espaços metropolitanos do Ceará, passaram a desempenhar o papel metropolitano de “cidades dormitórios” (MARTINS, 2001).

3. 2. Segundo período da metropolização: modernização da economia metropolitana.

Na Região Metropolitana de Fortaleza, nos últimos quinze anos, a espacialização dos fenômenos metropolitanos é intensificada através da dinamização de alguns núcleos urbanos metropolitanos (SILVA, 2005); pela expansão definitiva das atividades produtivas (PEREIRA JÚNIOR, 2005); pela especulação imobiliária que ultrapassou os limites da metrópole, e pela modernização da economia urbana em algumas cidades. Tais fenômenos são resultados da metropolização, que se materializa de duas formas: 1) pela ação direta do Estado; e 2) pelas novas apropriações do capital privado.

No primeiro caso, o Estado age estruturando fisicamente os espaços metropolitanos, provocando a modernização das atividades do turismo e a industrialização de espaços até então pouco dinâmicos. Já a apropriação do capital privado, com ação indireta do Estado, se dá pela especulação imobiliária e pela dinamização da economia urbana das sedes municipais.

A metropolização dada pela modernização da atividade do turismo, que utilizam as amenidades litorâneas da região metropolitana, é induzida pelos investimentos provenientes do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE). Os municípios de Aquiraz, Eusébio e Caucaia, são os espaços metropolitanos mais atingidos.

Em relação à industrialização, podemos destacar o reforço da dinâmica de desconcentração de unidades produtivas a partir da segunda metade da década de 1990, em especial nos municípios de Horizonte, Pacajus e São Gonçalo do Amarante. Neste último, para atração de unidades industriais de grande porte, foram realizadas obras de infraestrutura pelo Governo do Estado do Ceará, condicionando novos fixos modernos. O melhor exemplo é a construção do Complexo Portuário e Industrial do Pecém (PEREIRA JÚNIOR, 2005 e 2012).

As novas forças que potencializam a metropolização, entretanto, não se esgotam nas atividades industriais e no turismo. O comércio e os serviços também passam a ser influenciados pela metropolização de Fortaleza e um dos resultados é a dinamização da economia urbana em alguns núcleos metropolitanos.

Tal processo, por sua vez, é responsável por reestruturar a organização espacial pretérita desses espaços, onde atualmente o mercado imobiliário, o comércio e os serviços modernos não ficam mais limitados a investimentos implementados nos bairros da capital. Assim, novos investimentos, cada vez mais, procuram as cidades de Maracanaú, Caucaia, Aquiraz e Eusébio. Nestes dois últimos municípios, a incorporação metropolitana se dá através da especulação imobiliária para uma população de alta renda, interessada em consumir casas e/ou chalés em condomínios de luxo (PEQUENO, 2009).

Enquanto isso, no setor sudoeste da RMF, ou seja, nos municípios de Maracanaú e Caucaia, ao mesmo tempo em que continuam as políticas públicas habitacionais para a população mais pobre, inicia-se também a implantação de empreendimentos imobiliários de capital privado para uma classe média, com maior poder de consumo. Eles se localizam, mais especificamente, nas regiões com melhores infraestruturas e atendidas por sistemas de transportes para maior acessibilidade urbana metropolitana.

Sobre a dinamização da economia urbana desses dois municípios metropolitanos (Maracanaú e Caucaia), pode-se dizer que tal fenômeno é explicado pela modernização das atividades comerciais e de serviços. Tal modernização, por sua vez, é materializada através da instalação de equipamentos comerciais mais sofisticados (como *Outlets* e *Shopping Centers*) e pela inserção de filiais de grandes redes varejistas, consideradas do circuito superior da economia urbana (SANTOS, 2008), outrora localizadas somente na metrópole.

Maracanaú, pela sua condição de município mais integrado à capital (PEQUENO, 2009), tanto na forma, como no conteúdo, é aquele que sofre mais intensamente os processos de reestruturação metropolitana em Fortaleza. O figura 01, que apresenta a expansão da mancha urbana de Fortaleza nas últimas décadas, principalmente ao incorporar núcleos urbanos anteriormente fragmentados, demonstra bem à situação pela qual passa Maracanaú.

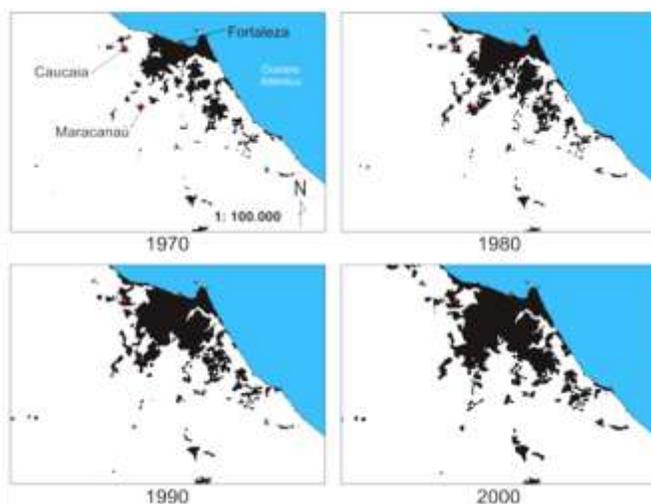


Figura - 01: Evolução territorial da mancha urbana de Fortaleza.

Fonte: Observatório das metrópoles (Adaptado).

Como podemos observar, a maior integração metropolitana se dá a partir da década de 1990, e é condição dos processos elencados anteriormente. As estruturas instaladas pelo Estado (no primeiro período de metropolização), e a dinamização do espaço urbano pelo capital privado (no segundo período), legitimam a reconfiguração dos movimentos e da morfologia urbana.

Dentro desse contexto, a dinamização da economia urbana em Maracanaú acaba por modificar os fluxos, as estruturas da cidade e formar uma classe com maior poder de consumo, alterando, por sua vez, as formas espaciais e a estrutura social intraurbana. Há, desse modo, uma reestruturação urbana em escala local e intermediária, com mudanças na relação do município com a metrópole.

4. Um olhar sobre a metropolização a partir da economia urbana: o atual contexto de Maracanaú

Em países da periferia capitalista é comum uma demanda por trabalho formal bem menor do que a oferta da força de trabalho. Na falta de opções para a inserção na formalidade, forma-se um tipo de economia urbana que, em determinados contextos históricos, como a segunda metade do século XX, torna-se a única existente nessas formações socioespaciais. Santos (2008) denominou esse componente de circuito inferior da economia urbana.

A noção dos circuitos da economia urbana procura entender o conteúdo social das cidades. Em relação ao circuito inferior da economia urbana, no ambiente metropolitano, encontra-se disperso pelas cidades e pela região, mas é comum em zonas periféricas. São circuitos de produção e consumo desprovidos de tecnologia avançada, sistema financeiro corporativo ou logística moderna, razão pela qual é denominado de circuito inferior (SANTOS, 2008).

No que se refere às atividades comerciais, o circuito inferior da economia urbana se materializa no “comércio de vizinhança”. Para Pintaudi (2002), é o comércio característico de subcentros e zonas periféricas urbanas, em que o consumidor movimenta um mercado de produtos perecíveis, portanto, de consumo imediato.

Como a organização do espaço urbano de Maracanaú está vinculada diretamente ao seu papel metropolitano periférico, é comum que as atividades ligadas ao comércio, ali desenvolvidas, estejam historicamente ligadas ao circuito inferior da economia urbana. Por isso é tão comum encontrar no município a maioria dos estabelecimentos da economia urbana administrada por moradores do próprio bairro. Muitas vezes o negócio é instalado na própria casa, pois a circulação de riquezas não permite a formalização de aluguéis comerciais.

Nos últimos dez anos, entretanto, transformações econômicas importantes ocorridas em Fortaleza garantem dinamização da economia urbana metropolitana. Maracanaú, nesse contexto, atrai para si novos usos do espaço urbano, anteriormente exclusivos da capital. Isso já havia ocorrido com a atividade industrial, mas atualmente observamos que outros equipamentos e

formas de consumo desconcentradas, ligadas ao circuito mais modernizado da economia se instauram, como é o caso do comércio e dos serviços.

Assim, um outro componente dos circuitos da economia urbana se manifesta, denominado por Santos (2008) de circuito superior. Ele completa a dinâmica da economia urbana nos países periféricos capitalistas e movimenta os fluxos e os fixos urbanos constituídos pelos elementos de uma cidade em consonância com técnicas e agentes exógenos, interligando lugares numa escala regional, nacional e global. Interliga técnicas diferentes, sistemas racionalizados de consumo e crédito e uma relação escalar muito mais ampla entre pessoas, pautando seu movimento a partir de um conjunto de normas e equipamentos mais modernizados.

O circuito superior da economia urbana, todavia, não funciona isoladamente do circuito inferior, pelo contrário, na economia urbana dos países subdesenvolvidos, representam faces diferentes da mesma moeda. São circuitos diferentes de uma mesma estrutura. Na acepção de Santos (2008, p. 43), “a diferença fundamental entre as atividades do circuito inferior e as do circuito superior está baseada nas diferenças de tecnologia e de organização”, embora os dois sejam diferentes componentes da engrenagem da economia urbana dos países pobres.

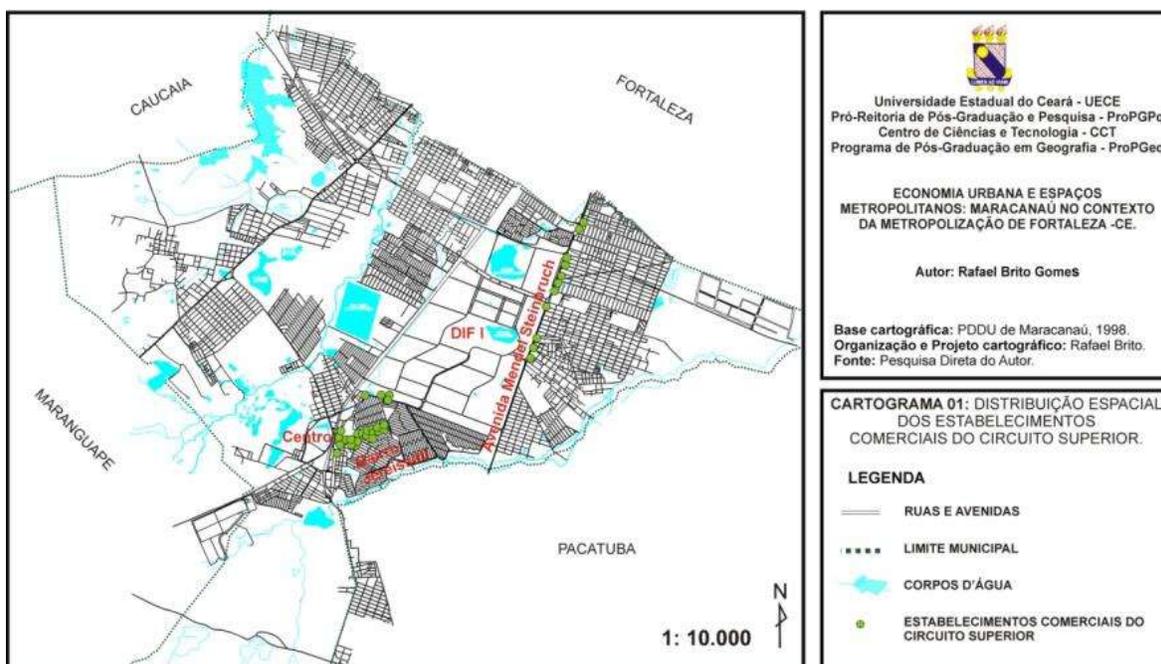
A consolidação do modelo urbano baseado na complementaridade/contraposição entre esses circuitos se dá, no Brasil, com a modernização da economia e com o processo de industrialização desenvolvido a partir da segunda metade do século XX. Eles cresceram de maneira diferente, em diversos ambientes urbanos, sobretudo em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

No Ceará, é a metropolização de Fortaleza que acentua o fortalecimento do modelo para uma área mais abrangente a partir da década de 1980, embora apenas nos últimos dez anos esse movimento apareça na paisagem de maneira mais contundente. É nesse contexto, por exemplo, que Maracanaú foi o primeiro município da região metropolitana, depois da capital, a receber um *shopping center*.

Como os moradores do município ainda possuem relações de forte dependência com a metrópole, o comércio e os serviços mais especializados estão concentrados nas vias de maior acessibilidade no contexto metropolitano. Segundo Villaça (2001), realmente, o comércio possui a tendência de procurar as regiões mais centrais (geometricamente e geograficamente) e com maior acessibilidade. Como consequência, o comércio do circuito inferior e superior de Maracanaú, ao se concentrar espacialmente, formam “subcentros”, em seu espaço intraurbano (CORRÊA, 1999). Para esses subcentros convergem os fluxos de pessoas interessadas em consumir no comércio, ou para se dirigir à capital.

Mas não são em todas as avenidas centrais de Maracanaú em que essa lógica contraditória de organização do espaço urbano se materializa, nem muito menos em todos os subcentros comerciais, como mostra o Cartograma 01. Essa reconfiguração espacial ocorre principalmente

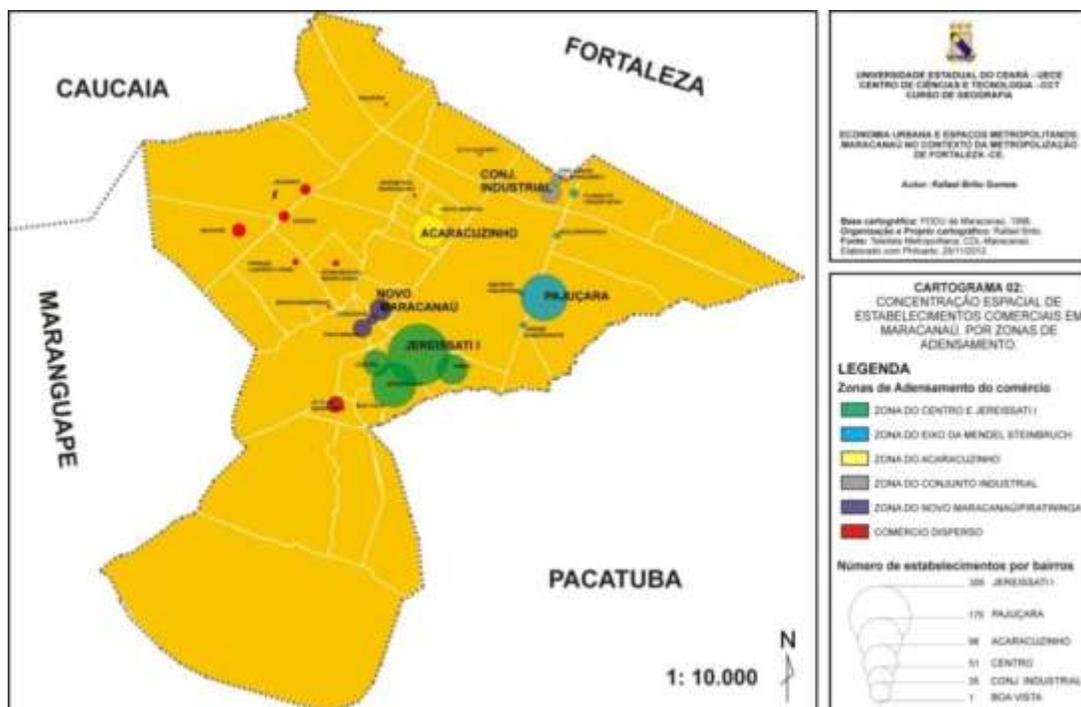
nas proximidades da CEASA/CE, no eixo da Avenida Mendel Steinbruch, e nos bairros mais centrais, como Jereissati I e Centro.



O Cartograma 02 procura ilustrar as centralidades intraurbanas a partir do número de estabelecimentos comerciais distribuídos por bairros. Além de corroborar com o arranjo definido pelos eixos principais de circulação, os círculos, representando polaridades, destacam principalmente cinco zonas de adensamento comercial e de serviços.

As zonas de maior adensamento comercial identificadas são:

- 1.) *Zona do Centro e Jereissati I* – a maior e mais importante, pois reúne os bairros mais estruturados e mais populosos de Maracanaú, concentra o maior número de comércio e serviços do circuito superior, e os equipamentos comerciais, como o *shopping*;
- 2.) *Zona do eixo viário da Avenida Mendel Steinbruch, no Distrito de Pajuçara* – apresenta um caráter de corredor e concentra vários estabelecimentos, alguns de porte expressivo;
- 3.) *Zona do Novo Maracanaú/Piratininga* – predomina o comércio de vizinhança, e os mesmos se concentram nas ruas de maior circulação de carros e dos transportes coletivos;
- 4.) *Zona do Acaracuzinho* – o comércio, com característica de vizinhança, se concentra na Avenida Central, a principal via de interligação metropolitana;
- 5.) *Zona do Conjunto Industrial* – localizada na fronteira com Fortaleza e próximo de duas importantes vias regionais, a Avenida Mendel Steinbruch (CE-060) e o Quarto Anel Viário. O comércio apresenta-se mais disperso por este bairro e próximo às vias de maior movimento.



Com a crescente transformação, instalam-se lojas e equipamentos comerciais e de serviços bem mais estruturados, redefinindo o padrão de ocupação dos estabelecimentos nas áreas de maior densidade urbana. Eles estão reorganizando a paisagem tradicional, ampliando a circulação de pessoas e de mercadorias mais sofisticadas. Muda também a arquitetura dos edifícios, que agora tomam parcelas inteiras de diversos quarteirões (fotos 01 e 02).

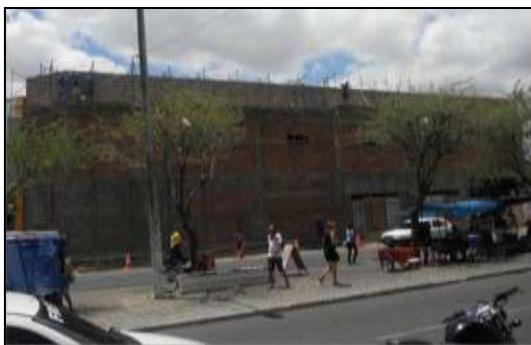


Foto - 01: Obras de um prédio comercial na Av. Carlos Jereissati, Jereissati I.
Fonte: Rafael Brito, 2012.



Foto - 02: Filial Cometa Supermercados, Centro de Maracanaú.
Fonte: Rafael Brito, 2012.

Na tabela 01 podemos verificar as principais empresas ligadas ao circuito superior da economia urbana que instalaram suas filiais no município de Maracanaú nos últimos anos.

Tabela 01: Distribuição de filiais dos estabelecimentos comerciais varejista do circuito superior da economia urbana em Maracanaú, com capital de origem externa*.

ESTABELECEMENTOS	ORIGEM DO CAPITAL	SEDE	FILIAIS		
			TOTAL	EM MARACANAÚ	ANO DE INSTALAÇÃO EM MARACANAÚ
Farmácias Pague Menos	Brasil	Fortaleza (CE)	550	3	-
Dose Certa	Brasil	Fortaleza (CE)	23	1	1997
Rabelo	Brasil	Fortaleza (CE)	104	4	1998
Super Frangolândia	Brasil	Fortaleza (CE)	8	1	2000
Casa Pio	Brasil	Fortaleza (CE)	37	1	2003
Zenir Móveis e Eletros	Brasil	Fortaleza (CE)	35	1	-
Lojas Americanas	EUA	Rio de Janeiro (RJ)	648	1	2006
Casa Freitas	Brasil	Fortaleza (CE)	11	1	2008
Eleto Shopping	Brasil	Recife (PE)	147	3	2008
Lojas Esplanadas	Brasil	Fortaleza (CE)	41	1	2009
Ban ban Calçados	Brasil	Fortaleza (CE)	5	1	2009
Extrafarma	Brasil	Belém (PA)	180	1	2009
Ponto da Moda	Brasil	Fortaleza (CE)	8	1	2009
Maxxi Atacado	EUA	Barueri (SP)	61	1	2009
Insinuante	Brasil	Salvador (BA)	232	1	2010
Magazineluiza	Brasil	Franca (SP)	614	1	2010
Farmácia Avenida	Brasil	Fortaleza (CE)	19	1	2010
Freitas Varejo	Brasil	Fortaleza (CE)	13	2	2010
Macavi Móveis e Eletro	Brasil	Fortaleza (CE)	57	1	2011
Cometa Supermercados	Brasil	Fortaleza (CE)	8	1	2012
Deborla	Portugal	Ovar - Portugal	25	1	2012

Fonte: Pesquisa direta do autor.

*capital de escala internacional, nacional e de fora de Maracanaú.

Da tabela 01, devem ser destacadas as empresas que ampliaram seus negócios no município de Maracanaú, como a Rabelo Móveis e Eletrodomésticos, que possui quatro filiais no município (foto 03); a Farmácia Pague Menos, com três filiais em Maracanaú; e a Eleto Shopping, também com três filiais (foto 04).

O crescimento e a concentração em Maracanaú desse comércio varejista, pertencente ao circuito superior, provocam intensos fluxos de mercadorias e de pessoas, estas últimas enquanto consumidoras e trabalhadoras. Com isso, o município passa a polarizar parcelas do espaço metropolitano cada vez mais distante.

Segundo entrevista com o gerente da loja Eleto shopping, muitos dos clientes que ele atende são provenientes de Maranguape, município vizinho do qual Maracanaú se emancipou. Em outra entrevista, desta vez realizada junta a gerente da filial da loja Ponto da Moda, também foi

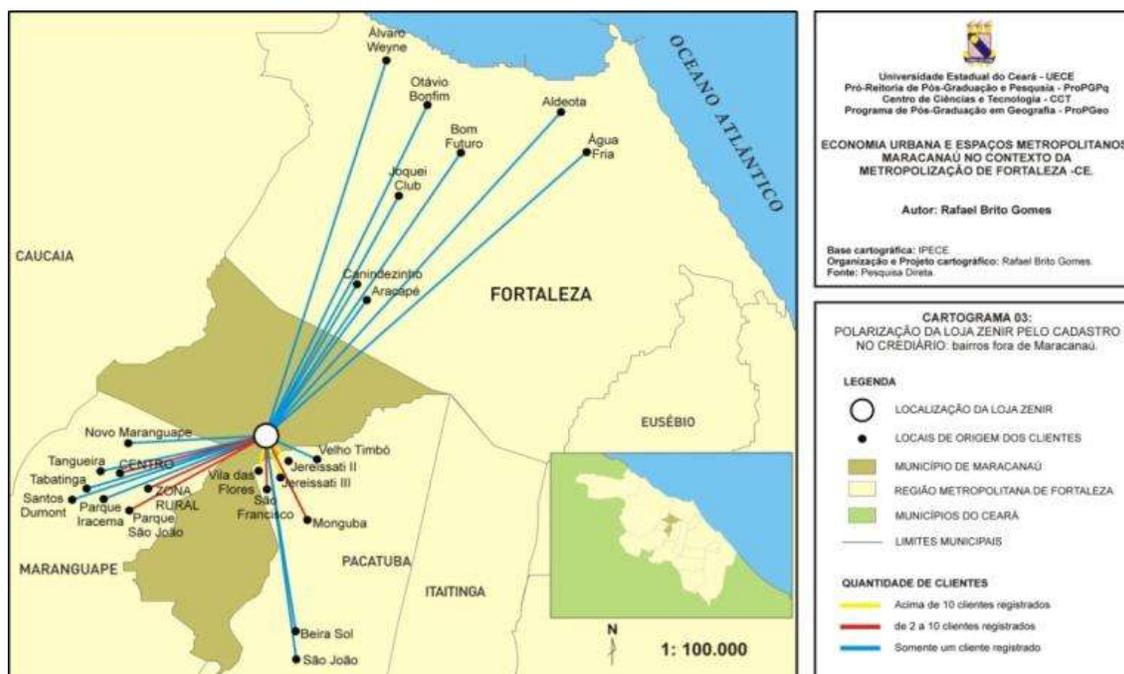
informado que grande parte dos consumidores mora nos municípios de Pacatuba, Maranguape, ou em alguns bairros mais periféricos de Fortaleza, como o Siqueira.



Foto – 03 e 04: Loja Rabelo e Loja Eletro Shopping na Av. Carlos Jereissati I.

Fonte: Rafael Brito, 2012.

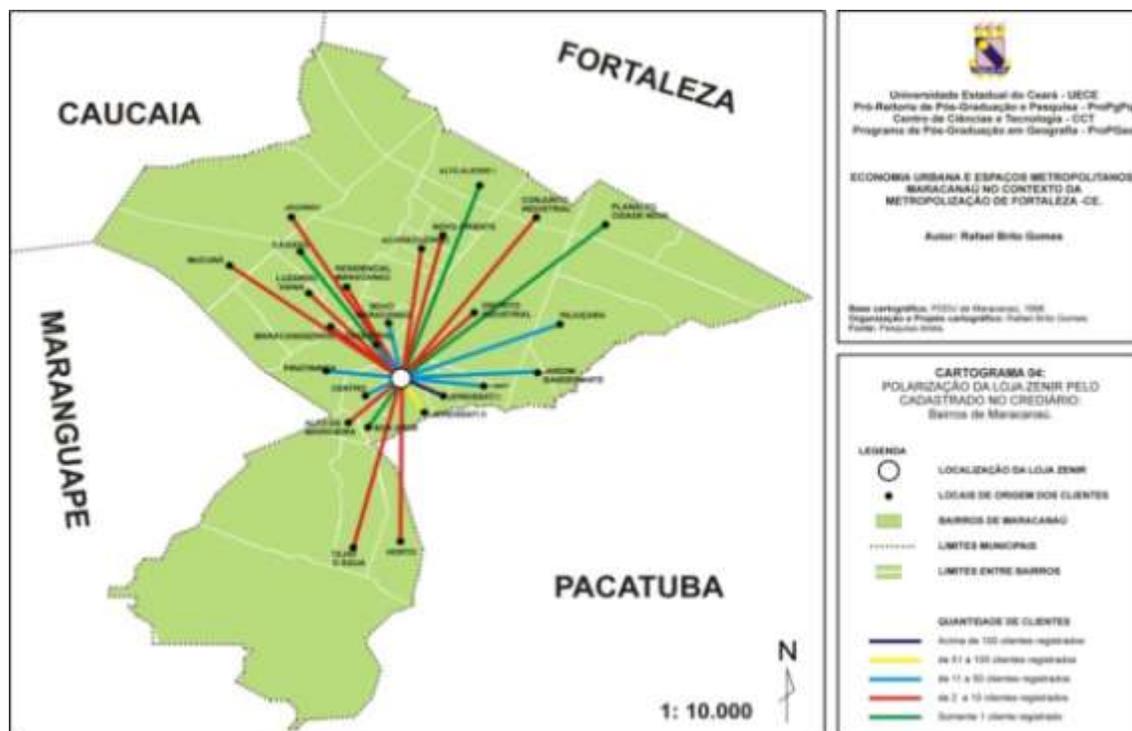
A partir dos dados de cadastro dos clientes no crediário da loja Zenir Móveis e Eletro, constatou-se que a filial de Maracanaú consegue polarizar municípios como Pacatuba, Maranguape e até alguns bairros de Fortaleza. O Cartograma 03 ilustra a polarização exercida pela Zenir sobre os municípios de Fortaleza, Pacatuba e Maranguape.



Da mesma forma, no Cartograma 04, ilustramos a quantidade de clientes registrados no crediário que possuem residência em Maracanaú. Com as informações obtidas pelas entrevistas e com os dados oferecidos pelos gerentes das empresas em destaque, todos eles ilustrados nos

cartogramas, podemos constatar que o alcance espacial exercido pelo comércio varejista em Maracanaú se torna cada vez mais abrangente.

O *Shopping* instalado em Maracanaú, sem dúvida, é outro vetor de expansão da maior centralidade comercial e de serviços, mesmo que restrita à escala intraurbana. No contexto nacional, esses empreendimentos surgem não como uma solução para o equipamento comercial de uma cidade, mas simplesmente como uma novidade (PINTAUDI, 2002). O primeiro *shopping* do país, o “Iguatemi”, foi inaugurado em 1966 em São Paulo (PADILHA, 2006). Fortaleza inaugura seu primeiro *shopping* no ano de 1974, denominado “Center Um”, no bairro Aldeota.

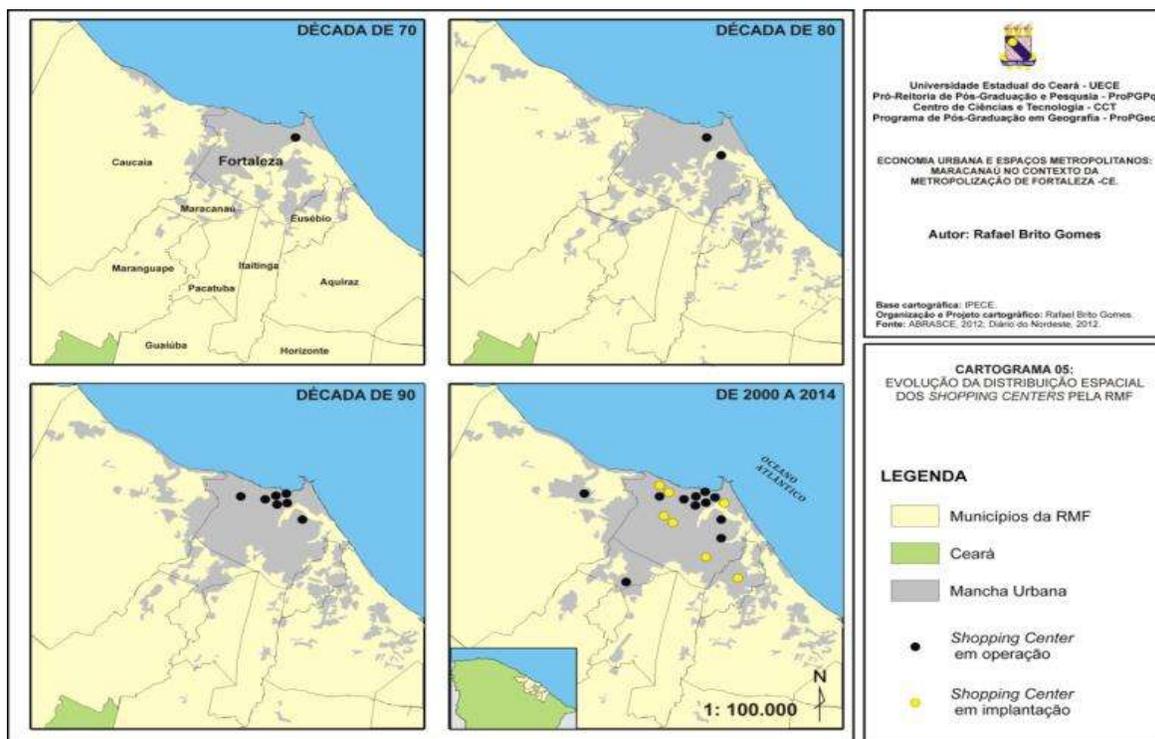


Como forma comercial voltada para uma classe social mais abastada, os *shoppings* estão localizados nas regiões mais valorizadas das grandes cidades. Somente a partir da década de 1980, é que os mesmos passaram a ser construídos nas regiões mais populares (VILLAÇA, 2001). Em Fortaleza, o fenômeno de “popularização” desses equipamentos se dá a partir da década de 1990, com a construção do North Shopping, inaugurado em 1991 na zona oeste da cidade. Atualmente, em Fortaleza, há nove shoppings em operação (ABRASCE, 2012), totalizando cerca de 221.178 m² de Área Bruta Locável (ABL)⁷, e segundo reportagem do jornal “Diário do Nordeste” (15 de agosto de 2012), estão em processo de implantação mais seis desses equipamentos na capital.

⁷ Fortaleza está em terceiro lugar no ranking do Nordeste, em número de ABL. Salvador está em primeiro lugar, com 394.552 m² de ABL, e Recife em segundo, com 256.576 m² (ABRASCE, 2012).

Já no contexto da Região Metropolitana de Fortaleza, o primeiro *shopping* fora da capital foi instalado em Maracanaú. Em 19 de agosto de 2003, sob administração da SIL, empresa de origem portuguesa, foi inaugurado o Shopping de Maracanaú. Em 2008, o mesmo foi adquirido pelo Grupo North Empreendimentos, e passou a se chamar North Shopping Maracanaú. Atualmente, a administração do *shopping* está sob a responsabilidade do grupo ANCAR IVANHOÉ, empresa de capital brasileiro e canadense.

O Cartograma 05 demonstra o movimento, no tempo e no espaço, de instalação dos *shoppings* na Região Metropolitana de Fortaleza. Notemos que a maior concentração é na capital, mas a primeira inversão fora da cidade é em Maracanaú, em 2003, seguido, posteriormente por Caucaia, em 2012.



Segundo Villaça (2001), os *shoppings* possuem o poder de criar localizações urbanas e “pontos” comerciais instantaneamente, através das ações dos agentes imobiliários, que mudam as condições de (des)valorização socioespacial. Com a elevada densidade demográfica, os espaços periféricos são escolhidos para a instalação desses equipamentos devido à elevada procura pelos mesmos. Até então os *shoppings* localizavam-se apenas nas áreas mais centralizadas da metrópole. No caso do North Shopping de Maracanaú, a escolha do município foi estratégica. O fato de haver grande demanda por consumo desse tipo de equipamento, em seus bairros e nos municípios de Pacatuba, Maranguape e Guaiúba, foi determinante para a instalação do equipamento.

O North Shopping Maracanaú passou a determinar nova centralidade dos fluxos de transporte (foto 05). Houve até linhas de transporte coletivo que modificaram seu itinerário para passar em frente ao referido equipamento, como é o caso da linha “Novo Maracanaú/Fortaleza”, uma das mais importantes em direção à capital. Rotas internas também foram criadas apenas para atender as demandas de fluxos ao *shopping*, o que está explícito pelos nomes das novas rotas, tais como a linha “Pajuçara/shopping” e “Acaracuzinho/ shopping”.



Foto - 05: Shopping de Maracanaú, 2012.

Fonte: Rafael Brito.

Essas formas comerciais, sem dúvida, corroboram para a dinamização da economia urbana em Maracanaú, e o espaço urbano é modificado substancialmente. Observamos que há uma centralidade gerada pela concentração comercial e de serviços. É um processo que ainda está em formação, mas já permite algumas constatações que justificam um maior dinamismo econômico dos bairros e um papel mais expressivo da cidade face a municípios vizinhos, a exemplo de Pacatuba, Guaiúba e Maranguape.

5. CONSIDERAÇÕES

O processo de reestruturação urbana dos espaços metropolitanos é produto da intensificação das dinâmicas de uma metrópole, que altera sobremaneira o seu papel no contexto do país. Além de ampliar seu raio de influência sobre novas regiões, centraliza mais ainda capital, provocando efeitos de desconcentração de equipamentos dinamizadores da economia urbana. Maracanaú, no contexto de um espaço metropolitano mais integrado à cidade motriz, não está indiferente a essas transformações.

Os efeitos espaciais da modernização da economia culminam com as mudanças nos padrões de organização empresarial, com impactos sobre as firmas nacionais, que passam a descentralizar filiais interessadas em garantir a ampliação de seus consumidores. O que observamos na Região Metropolitana de Fortaleza e, em especial em Maracanaú, é uma manifestação desse movimento, pois os novos equipamentos do circuito superior da economia

urbana, não são oriundos de investimentos locais. Eles são instalados por empresas com sede em Fortaleza ou em outros lugares e a tendência é as mesmas lucrarem no local e drenarem para suas sedes a riqueza acumulada.

Dentre as transformações espaciais resultantes do processo de reestruturação destacaríamos:

1.) O impacto causado no circuito inferior da economia urbana, pois os pequenos empreendimentos locais passam a procurar estratégias para competir com os novos estabelecimentos modernos. As “saídas” encontradas pelo circuito inferior consistem na “imitação” de estratégias das empresas do circuito superior, como a criação de marcas, organização mais sistematizada dos negócios, criatividade de divulgação etc.;

2.) A concentração espacial dos estabelecimentos do circuito superior da economia em algumas zonas da cidade reforça fenômenos de densidade espacial urbana, fazendo fluir para alguns lugares maior fluxo de pessoas para o trabalho e para o consumo. Tal concentração se dá nas principais vias do Centro e do bairro Jereissati I, bem como no entorno do North Shopping Maracanaú, zonas de grande congestionamento e densidade;

3.) Altera-se o papel exercido por Maracanaú no contexto da Região Metropolitana de Fortaleza. Através da concentração espacial do comércio e dos serviços do circuito superior, Maracanaú acentua a polarização de bairros antes considerados distantes, mas, principalmente, amplia sua rede de influência para municípios como Pacatuba, Guaiúba e Maranguape, que estão cada vez mais submetidos ao seu comando econômico;

4.) A drenagem das políticas públicas locais de remodelação urbana para revalorização socioespacial, que potencializa a dinâmica de valorização comercial de algumas zonas da cidade, como o bairro Jereissati I. Esse movimento altera substancialmente a infraestrutura urbana de Maracanaú, pelos menos em algumas zonas, implicando numa maior oferta de equipamentos coletivos e numa reconfiguração do aspecto arquitetônico da cidade, dinamizando o mercado imobiliário.

No âmbito dessa reestruturação, o foco foi dado para os elementos da economia urbana, constatando que a inserção de novos estabelecimentos e de fluxos ligados ao comércio e aos serviços do circuito superior, de origem exógena, é um fenômeno que faz parte da nova feição da metropolização de Fortaleza. Ao impactar consideravelmente sobre a economia urbana de Maracanaú, alteram sua forma e conteúdo.

A influência de Fortaleza sobre seus espaços tributários metropolitanos ainda é forte e não há horizonte que indique qualquer grau de descentralização. No entanto, elementos de desconcentração existem e são contundentes, e a economia urbana representa um importante componente de redefinição do tradicional arranjo metropolitano de comando e subordinação. O

conteúdo dessas transformações precisa ser estudado e as futuras pesquisas sobre a metropolização no Ceará, quando desenvolvidas, revelarão os inúmeros e novos elementos que tendem a se materializar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Z. B. Espaço urbano Cearense: breves considerações. In: AMORA, Z. B. (Org.). **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza: FUNECE, 1999. p. 25-40.

ABRASCE (Associação Brasileira de Shopping Centers). Grandes números. Disponível em: <<http://www.portaldoshopping.com.br/sobreosetor.asp?codAreaMae=10&codArea=49&codConteudo=3>>. Acesso em 08 jun. 2013.

CARVALHO, K. B. de. **Territórios produtivos: estudo geográfico do I Distrito Industrial do Ceará**. Fortaleza, 2009. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2009.

CORRÊA, R. L. Perspectivas da urbanização brasileira - uma visão geográfica para o futuro próximo. In: PEREIRA, E. M.; DIAS, L. C. D. (Org.). **As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 17-30.

_____. **O espaço urbano**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

DI MÉO, G. Introdução ao debate sobre a metropolização. **Confins** [Online], n. 4, 2008, posto online em 13 de novembro de 2008. URL: <<http://confins.revues.org/index5433.html>>.

IBGE. **Região de influências das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE. 2007.

LENCIONI, S. Reconhecendo Metrôpoles: território e sociedade. In: SILVA, C. A.; FREIRE, D. G.; OLIVEIRA, F. J. G. **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 41-58.

MARACANAÚ, Prefeitura Municipal. **Documento Básico do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do município de Maracanaú**. Maracanaú, CE, 1998.

MARTINS, M. de F. A. Espaço e política na realidade dos conjuntos habitacionais. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. de L. (Org.). **O Espaço no Fim de Século: a nova raridade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 165-171.

PADILHA, V. **Shopping center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, E. A. **Território e economia política: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização do Ceará**. São Paulo: Editora da UNESP/Cultura Acadêmica, 2012. Disponível em <http://www.culturaacademica.com.br/>.

_____. **Industrialização e Reestruturação do Espaço Metropolitano - Reflexões Sobre o Caso de Horizonte-Pacajus (CE)**. 1. ed. Fortaleza: EDUECE, 2005.

PEQUENO, L. R. B. (Ogr.). **Como anda Fortaleza**. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, A. F. A. (org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, M. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2 ed., 1 reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, J. B. A região metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, J. B.; CAVALCANTE, T.; DANTAS, E. (Org.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 1 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005, p. 101-124.

SOUZA, M. A. A. Reconstituo a história da região metropolitana: processo, teoria e ação. In: SILVA, C. A.; FREIRE, D. G.; OLIVEIRA, F. J. G. **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 28-40.

VILLAÇA, F. J. M. **O espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel Editora: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.